



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 17 | Nº. 32 | Jan./Jun. de 2025

**Dogus Beyaztas** - *Ankara Universitesi, / U.ANKARA.*

dbeyaztas@gmail.com

## MOVIMENTO NACIONAL CURDO NO IRAQUE (1960- 1980).

## KURDISH NATIONAL MOVEMENT IN IRAQ (1960- 1980).

---

### RESUMO

Entre 1960 e 1980, a resistência curda no Iraque passou de revoltas tribais a um movimento organizado, impulsionado pela violência estatal e políticas assimilacionistas. Urbanos e instruídos curdos integraram estruturas tribais em um projeto político coeso. A luta superou divisões internas, aproveitando tensões entre panarabismo e nacionalismo iraquiano. Em 1980, o movimento consolidou a identidade curda contra o estado-nação árabe.

**Palavras-chaves:** Curdos, Movimentos Sociais, Oriente Médio

---

### ABSTRACT

Between 1960 and 1980, Kurdish resistance in Iraq evolved from tribal uprisings to an organized movement, fuelled by state violence and assimilationist policies. Urban, educated Kurds integrated tribal structures into a cohesive political project. The struggle overcame internal divisions, using tensions between pan-Arabism and Iraqi nationalism. By 1980, the movement had consolidated Kurdish identity against the Arab nation-state.

**Keyword:** Kurds, Social Movements, Middle East

## Introdução

A tentativa de compreender a dinâmica da formação de movimentos nacionais entre a população curda que vive em diferentes países, como Turquia, Irã, Iraque e Síria, deve ser considerada no contexto da história desses países. Em particular, as experiências a que foram expostos durante a formação das identidades nacionais árabe, turca e persa nesses países foram fatores importantes na formação dos movimentos nacionais curdos nesses países. (VALI, 2013). Embora esse gatilho para a formação do movimento nacional curdo no Iraque tenha começado a tomar forma na década de 1940, sua cristalização e massificação ocorreram, de fato, na década de 1960 (HASSANPOUR, 2005, p. 125). Após as primeiras revoltas tribais no Iraque, o movimento nacional começou a ser institucionalizado apenas entre 1946 e 1960, pelo Partido Democrático do Curdistão (KDP). Com a intersecção das duas vertentes da reação e da consciência nacional que emergiram contra a formação de um estado-nação centralizado entre os curdos tribais e urbanos na década de 1960, o movimento nacional começou a se tornar massivo (BENGIO, 2012, p. 6). Os curdos urbanos, pioneiros das ideias nacionais, a base tribal e o carisma pessoal do Mullah Mustafa Barzani foram os fatores determinantes para o sucesso do KDP (STANSFIELD, 2003, p. 62).

No Iraque inicial, conflitos tradicionais e hostilidades entre tribos constituíram um grande obstáculo à formação de um programa nacional comum (SLUGLETT, 2007). Não se pode falar de uma organização curda organizada com o objetivo de um movimento nacional para o Iraque inicial (ROMANO, 2010, p. 251). No entanto, houve uma forte reação local contra a centralização. A revolta liderada pelo Mahmud Barzanji, que continuou intermitentemente de 1919 a 1931, destacou-se nesse contexto e diferiu de outras revoltas tribais por ter uma agenda nacional. Nesse sentido, foi uma parte importante da formação da "memória" entre essas revoltas, que foram fundamentais para o movimento nacional curdo iraquiano.

Até a década de 1940, a atitude das tribos curdas continuou na forma de lutas tribais no contexto de "resistência ao centro" e "obtenção de uma parte do centro". No entanto, após meados da década de 1940, o processo de fermentação e institucionalização do movimento nacional foi iniciado por meio da

reaproximação entre curdos urbanos e curdos tribais (O'BALLANCE, 1996; QASIMLO, 2009). Pioneiros urbanos e grupos educados do processo de nacionalização, como Hiwa, Komala Brayati, Komala Liwen e Darkar, estabeleceram contato com as tribos, especialmente os Barzanis, durante esse processo (MCDOWALL, 2004, p. 380; STANSFIELD, 2003, p. 62). Uma das mais proeminentes dessas organizações, a Hiwa (1942), foi influenciada pelos movimentos comunistas que surgiram na década de 1940 (AZIZ, 2013, p. 102). Durante esse processo, embora os curdos urbanos fossem influentes e tivessem tendências socialistas, eles foram perturbados por essas tendências tribais, mas encontraram o terreno para a massificação de ideias nacionalistas no contato com estruturas tribais (STROHMEIER e LALE-YALÇIN, 2013, p. 89). Embora os curdos urbanos, que participaram ativamente da Hiwa, da Rizgari Kurd e de outras organizações, criticassem as relações feudais, os códigos sociais e políticos que as deram origem foram moldados no contexto de experiências de levantes tribais anteriores (EL MUNADIL, 1976. p. 18).

Essas organizações urbanas, embora ancoradas em estruturas tribais, eram majoritariamente compostas por estudantes, professores, oficiais e artesãos, o que lhes conferia um elevado grau de capital intelectual e capacidade de formulação ideológica (AEGLETON, 1976, p. 85). Embora essas organizações vissem os curdos tribais como um terreno fértil no processo de massificação, também criticavam fortemente o feudalismo e seguiam uma política especialmente contra os líderes tribais colaboracionistas (ENTESSAR, 2010, p. 76). Nesse contexto, "um equilíbrio entre a elite urbana educada, que é o componente estrutural do movimento nacional curdo iraquiano, e os curdos tribais" foi formado e se tornou um fator permanente (BRUINESSEN, 1994, p. 11).

A consciência política dos quadros urbanos e educados, que foram eficazes na trajetória histórica que levou ao processo de massificação vivenciado pelo movimento nacional a partir da década de 1960, cristalizou-se com as dificuldades e experiências vivenciadas contra a violência do estado central, que se intensificou a partir da década de 1930 e atingiu seu ápice no período de 1943 a 1945 (MCDOWALL, 2004, p. 391). O movimento nacional, que atingiu um nível em que se poderia falar de sua existência após meados da década de 1940, começou essencialmente a se organizar contra essa violência estatal que se

intensificou a partir da década de 1930. Esse processo de cristalização ocorreu especialmente sob a liderança dos filhos de famílias forçadas a migrar das áreas rurais para as cidades (MARR, 2012).

### **1930-1960: À beira da massificação do movimento nacional**

A questão de se o estado iraquiano moderno seria baseado na cidadania iraquiana ou se seria construído com base no arabismo tem sido uma dinâmica decisiva (TRIPP, 2007). Essa questão tem se configurado, em última instância, como uma forma de organização estatal fundamentada na soberania iraquiana, estruturada a partir de uma concepção de arabismo, com ênfase particular em sua vertente sunita (DAVIS, 2005, p. 224). Nesse processo, a construção do estado central foi um processo turbulento e desestabilizador. Entre 1930 e 1958, 48 governos foram estabelecidos e, após um curto período, dissolvidos, e houve um período de resistência ao novo estado, de tal forma que muitas decisões tiveram que ser tomadas para declarar estado de emergência (DAWIŞA, 2004, p. 150). Os curdos foram submetidos a práticas de assimilação, especialmente após 1932, contra essa construção estatal centralizada (BENGIO, 1998). Além disso, a nova Lei de Colonização de Terras, promulgada em 1932 e 1938, refletiu as medidas tomadas para impedir que a existência social curda se tornasse uma ameaça destrutiva ao estado iraquiano em formação (MCDOWALL, 2004, p. 399). As revoltas do Médio Eufrates, que continuaram ininterruptamente em 1936, tomaram forma como uma reação a essas políticas estatais centrais (SALUCCI, 2005, p. 13).

Na década de 1940, a posição dos nacionalistas iraquianos transformou-se em um tipo de nacionalismo mais racista, a ala panarabista, e em uma ação política mais ideológica (DAWISA, 2009, p. 137). Ao mesmo tempo, desencadearam-se os efeitos da formação de um movimento nacional entre os curdos contra a emergente hegemonia racista árabe. Após a segunda metade da década de 1940, as distinções entre curdos urbanos e tribais começaram a se dissipar, e a superação da tensão entre curdos tribais e urbanos transformou-se em uma aceleração em direção ao desenvolvimento do movimento nacional. Nesse contexto, a pressão dos movimentos panarabistas começou a criar uma onda que se autodestruiria (MARR, 2012, p. 50).

Diante desse desenvolvimento, o governo central abriu caminho para o retorno do Mullah Mustafa Barzani, que havia sido exilado anteriormente, a fim de se beneficiar de seu carisma entre os curdos tribais. Dada a expressiva influência exercida por Mullah Mustafa, o governo central buscava garantir seu retorno ao território iraquiano, na expectativa de que sua presença enfraquecesse o protagonismo dos curdos urbanos no interior do Partido Democrático do Curdistão (KDP) (ENTESSAR, 2010, p. 81; KUTSCHERA, 2013, p. 243). O desejo do governo central iraquiano de romper o poder do movimento nacional, que vinha se formando desde meados da década de 1940, aproveitando a tensão entre os curdos urbanos e tribais, deixou sua marca no processo de desenvolvimento do movimento nacional. A tática de dividir-governar-saquear, estabelecida nesse processo, foi uma das principais dinâmicas que influenciaram as características do movimento curdo na década de 1960, quando o movimento nacional se tornou massivo (EL MUNADIL, 1976, p. 16).

A crise financeira e a escassez de alimentos que ocorreram em todo o Iraque a partir de meados da década de 1940 (sob a influência da Segunda Guerra Mundial) e a instabilidade política foram vivenciadas (NATALI, 2010, p. 7). As revoltas de trabalhadores e camponeses que ocorreram de 1947 a 1958, nas quais os curdos também estiveram envolvidos, foram moldadas como um produto desse processo. A resposta da administração central iraquiana a esse processo foi o esforço de centralização. A ajuda militar implementada com a Doutrina Eisenhower declarada na segunda metade da década de 1950 fortaleceu esses esforços de centralização (HUNT, 2005, p. 72). No entanto, em vez de eliminar as revoltas, esses movimentos de centralização tiveram o efeito oposto e fortaleceram a atmosfera antimonarquista. Nas eleições de 1957, as reações de diferentes estruturas, como o Partido Nacional Democrático, o Partido Comunista Iraquiano e o Baath, contra a crescente monarquia Hachemita ganharam força. Após cinco governos sucessivos terem sido estabelecidos e derrubados entre 1957 e 1958, o golpe militar que derrubou a monarquia ganhou força (BOZARSLAN, 2011, p. 95).

No mesmo processo, o movimento nacional que emergiu gradualmente entre os curdos no início da década de 1940 entrou em uma atividade mais sistemática e em um processo de criação e disseminação do conhecimento

intelectual que fortaleceria o movimento nacional (O'SHEA, 2004, p. 165). Ao mesmo tempo, a distinção entre curdos urbanos e tribais, que já existia há muito tempo, continuou a existir. Os Barzanis, que se aproveitaram dessa situação, aumentaram sua influência agindo sobre a tensão entre curdos urbanos e tribais (GHAREEB, 2004). No entanto, ao final desse processo, a liderança absoluta dos Barzani não pôde ser estabelecida. À beira da disseminação do movimento nacional na década de 1960, entre 1953 e 1958, a liderança de fato do KDP ficou sob o controle de Ibrahim Ahmed, Celal Talabani e outros curdos de esquerda (AZIZ, 2013, p. 104).

Assim, a partir do início da década de 1950, a hegemonia na luta pela hegemonia sobre o movimento nacional curdo foi dominada por curdos urbanos e educados (AZIZ, 2013, p. 102). Essa situação não deve ser vista apenas como resultado da luta pelo poder dentro do movimento nacional curdo. Esse processo foi essencialmente um reflexo da dinâmica que afetava todo o Iraque. O aumento do peso dos curdos urbanos dentro do movimento nacional curdo foi resultado do desenvolvimento da indústria petrolífera no Iraque e da mecanização da agricultura, como resultado da migração de muitos curdos para as cidades. Durante esse processo, o peso e a densidade de curdos urbanos em organizações que alegavam representar o movimento nacional curdo aumentaram gradualmente (STANSFIELD, 2003, p. 65).

### **1960-1980: A Consolidação do Movimento Nacional de Massas**

As obras públicas do governo central, concluídas no início da década de 1950, começaram a dificultar a existência de estruturas autônomas locais em áreas densamente povoadas por curdos. Com o efeito centralizador criado pelas ferrovias Kirkuk-Erbil-Bagdá e Mosul-Bagdá-Basra, o estado iraquiano conquistou controle parcial sobre os curdos pela primeira vez (NATALI, 2010, p. 3). Como reação à centralização, conflitos ocorreram entre o governo central iraquiano e o KDP, que carregava a bandeira do movimento nacional curdo, a partir de 1961 (EL MUNADIL, 1976, p. 26).

Nesse processo, como os conceitos de "socialismo e nacional-socialismo" circularam amplamente por toda a geografia curda, a massificação do movimento nacional e da luta socialista repercutiram de forma interligada (HASSANPOUR,

2005, p. 141). Esse entrelaçamento se sobrepôs parcialmente à separação entre as alas urbana e tribal. Simultaneamente ao processo de massificação, ocorreu um confronto entre a primeira ala, próxima à aliança Ibrahim Ahmed-Talabani, e a ala do Mullah Mustafa e do curdo Fayli Habib Karim (BENGIO, 2012, p. 32). Outro reflexo dessa luta foi que os Peshmerga Barzani, dentro da organização armada do KDP, eram governados por uma hierarquia de comando tribal, diferente da hierarquia dentro do partido. Mesmo na década de 1960, quando a mobilização de massas era mais intensa, os Peshmerga Barzani eram organizados separadamente e operavam sob a tribo Barzan, fora do comando central do partido. (O'BALLANCE, 1996).

Em 1958, um golpe militar liderado por Abdul Karim Qasim, com o apoio do Partido Comunista do Curdistão (KDP), pôs fim ao reinado de Faiçal II e à monarquia hachemita. No entanto, ao contrário das expectativas de estabilidade e reforma, o novo regime inaugurou um período marcado por crescente instabilidade política. A partir de então, o país passou a ser regido por constituições provisórias, de curta duração ou frequentemente modificadas em razão de sucessivas intervenções políticas e militares. Além disso, foram recorrentes os estados de exceção, durante os quais a vigência da constituição era suspensa (HAMAD, 2010). Durante esse processo, no período de 1958 a 1968, os nacionalistas árabes inicialmente se reconciliaram com o movimento nacional curdo, mas posteriormente retornaram às suas posições tradicionais quando se sentiram seguros (AZIZ, 2013, p. 108). O impacto desse processo ambivalente sobre os curdos foi o fortalecimento da opção de conflito no estilo guerrilha e o aumento da participação nessa direção após o fracasso dos períodos de reforma de curto prazo ao longo da década de 1960 (BRUINESSEN, 2013, p. 13).

A partir dos confrontos iniciados na região de Barzan em setembro de 1961, as relações entre os curdos iraquianos e os sucessivos governos centrais passaram a se caracterizar por um processo contínuo de conflito militar a político (STROHMEIER E YALÇIN-HECKMAN, 2014, p. 91). Embora os confrontos tenham terminado de tempos em tempos, surgiu uma divisão entre aqueles que apoiavam a luta armada e aqueles que apoiavam a política democrática entre curdos. Quando os confrontos baseados em táticas de guerrilha terminaram em 1963, uma divisão tornou-se evidente dentro do movimento nacional curdo.

Enquanto o lado de Barzani, em particular, queria encerrar os confrontos e chegar a um acordo com o governo central, os socialistas desenvolveram uma posição política de que um acordo com o governo central seria um passo equivocado (STANSFIELD, 2003, p. 83). De acordo com o acordo que emergiu entre o KDP e a administração de Bagdá como resultado das negociações, previa-se o fortalecimento das administrações locais. Como resultado deste processo de negociação, a resistência dos curdos contra a administração central foi parcialmente enfraquecida, o que fortaleceu a posição do general Qasim contra os grupos baathistas, nasseristas e outros grupos nacionalistas (ENTESSAR, 2010, p. 81; O'BALLANCE, 1996, p. 68).

A massificação do KDP ocorreu durante esse processo de conflito ininterrupto. De 1964 a 1969, o número de forças armadas na geografia curda atingiu 20.000 pessoas (BENGIO, 2012, p. 31). Durante esse processo, o Comitê Central do KDP posicionou-se a favor do estabelecimento de um exército regular. Mullah Mustafa, preocupado com o desaparecimento de seu poder pessoal baseado na tribo, defendeu uma estrutura armada baseada na tribo (STANSFIELD, 2003, p. 69). Essa situação fez com que a tensão entre a ala urbana do KDP e os Barzanis, que já existia há muito tempo, ressurgisse. Dentro dessa dinâmica de separação, os Barzanis declararam autonomia em sua própria região e vivenciaram conflitos locais com outros componentes do KDP no período de 1965-1966 (MARR, 2012, p. 129; KUTSCHERA, 2013, p. 294).

Embora a ideia de que os Barzanis tivessem se beneficiado das negociações de 1962-1963 tenha gerado descontentamento tanto dentro do KDP quanto entre outras tribos, essa situação não levou a uma separação e ruptura definitivas dentro do movimento nacional curdo. Embora as duas alas separadas formadas em torno dos curdos de Kirkuk e dos Barzanis se opusessem (STROHMEIER E YALÇIN HECKMAN, 2014, p. 92; BENGIO, 2012, p. 16). Em particular, os conflitos entre os nacionalistas iraquianos panarabistas nasseristas e os nacionalistas iraquianos de orientação restrita após 1965 abriram oportunidades para a massificação do movimento nacional curdo (FATTAH E CASO, 2009, p. 201). A separação definitiva e irreversível entre os Barzanis e a oposição dentro deste conflito ocorreu apenas com o estabelecimento da União Patriótica do Curdistão (PUK) em 1975. Embora esta separação tenha ocorrido enquanto os curdos estavam expostos à violência do

estado, também significou uma luta pelo poder entre os líderes, pois ocorreu num momento em que a massificação havia atingido o seu auge (BENGIO, 2012, p. 160).

As práticas de arabização foram colocadas em prática pela Lei de Nacionalização promulgada em 1964 (MARR, 2012, p. 123). Artigos como a oficialização do língua curda e a permissão para o KDP realizar atividades abertas mas não se revelou em prático e não foi eficazes na prática (MCDOWALL, 2004, p. 425). O objetivo era impedir a massificação do movimento nacional curdo com as práticas panarabistas simultaneamente intensificadas (DAWIŞA, 2009, p. 186). A sensação de perigo criada pelo processo de massificação do movimento nacional curdo, a derrota na Guerra Árabe-Israelense (1967) e as lutas entre diferentes grupos governantes pavimentaram o caminho para o golpe de 1968 que levaria ao governo Baath (MCDOWALL, 2004, p. 430). O Baath fez movimentos para eliminar outros nacionalistas árabes, a fim de se tornar completamente dominante dentro do estado e preparou a nova constituição ignorando a existência curda, a fim de criar consolidação na ampla opinião pública árabe (KHADDURI, 1978).

Entre 1960 e 1980, as filiações feudais desapareceram e os movimentos nacionais se tornaram massivos em todo o Oriente Médio (KHALIDI, 1991). Nesse contexto histórico, sob a liderança do Baath, que se tornou massiva, as diferenças étnicas buscavam ser eliminadas com o objetivo de criar uma sociedade "homogênea" no contexto da arabização, e todos os recursos estatais foram utilizados nesse contexto. Os curdos foram submetidos a práticas de assimilação mais severas durante esse processo (FATTAH e CASO, 2009, p. 200; BENGIO, 2012: 27). No contexto do Mashru' l'adat al-Ta'rikh (Projeto de Reescrita da História) projeto do estado central, o nacionalismo patriótico ancorado na ideologia do nacionalismo iraquiano foi reconfigurado como uma estratégia de assimilação voltada para a consolidação interna do estado. Esse processo implicou a marginalização e, em muitos casos, a eliminação dos quadros alinhados à ideologia panarabista. Durante esse processo, embora os curdos fossem reconhecidos pelo Estado, esse reconhecimento foi esvaziado de sentido devido à estratégia de arabização. (BENGIO, 2012, p. 56).

A diferença entre a década de 1970, quando o regime Baath foi institucionalizado, e a década de 1960 foi que as oportunidades disponíveis para

os curdos diminuíram devido à hegemonia dos nacionalistas iraquianos sobre os grupos panarabistas (BENGIO, 2012, p. 30). Ao contrário, entre os curdos, as discussões sobre autonomia e as divisões sobre táticas e estratégias levaram o movimento nacional curdo a se dividir em dois ramos principais: a União Patriótica do Curdistão e o Partido Democrático do Curdistão (STANSFIELD, 2003, p. 190).

Em particular, a estratégia por trás da aceitação do acordo estabelecido com o regime Baath em 11 de março de 1970 desenvolveu-se na forma de criar uma crise de liderança dentro do movimento nacional curdo durante o período de discussões sobre autonomia. Segundo esse acordo, a aprovação do conselho local do Curdistão era necessária para decidir sobre lei marcial, guerra e estado de emergência na geografia curda (EL MUNADIL, 1976, p. 55). Por essa razão, com o aumento da importância da autoridade local, a tribo Talabani tentou tomar a iniciativa armando suas próprias forças militares (peshmerga) no período de 1970 a 1974 (MCDOWALL, 2004). Apesar de esse acordo prever liberdade de jure, além do artigo sobre o conselho autônomo, um conselho executivo, cujos membros eram determinados por nomeação, tinha o direito de suspender todos os artigos, retirando assim a autoridade do estado central para declarar estado de emergência (BENGIO, 2012). O principal objetivo dessa prática era o medo da perda total da soberania central nas regiões petrolíferas (MCDOWALL, 2004, p. 438). O reflexo desse medo era a retomada dos conflitos armados. Como resultado, a mobilização de meios de violência contra a população pelo estado central e a estratégia de assentamento forçado continuaram após uma breve interrupção.

Durante o período Baath, especialmente com a alocação de um exército de guarda de 50 mil homens sob o controle de Saddam Hussein, os curdos foram reprimidos com violência aberta e as famílias feudais poderosas foram submetidas à migração forçada (HUNT, 2005, p. 86). No período entre a Crise do Petróleo de 1973 e 1978, quando as receitas do petróleo aumentaram de 1,8 bilhão de dólares para 23,6 bilhões de dólares, o aparato estatal teve a capacidade financeira de se organizar melhor, o que levou a um aumento na intensidade da dominação central sobre os curdos nos anos seguintes (HOURANI, 2013, p. 480). A riqueza resultante desse aumento nas receitas do petróleo alocou recursos econômicos para reforçar a intensificação das práticas

de arabização dos curdos, especialmente após 1975 (MARR, 2012, p. 138; KHADDURI, 1978, p. 15).

Ao contrário da consolidação do governo central iraquiano, a divisão no movimento nacional curdo tornou-se permanente nesse processo. A divisão entre as regiões de Bahdinan, dominada pelos Barzani, e Soran, dominada pelos Talabani, ganhou uma dimensão clara (BENGIO, 2012, p. 142). Apesar da ruptura com o PUK, a dinâmica fundamental de divisão entre a ala tribal e urbana dentro do KDP continuou a existir na década de 1970 (EL MUNADIL, 1976, p. 42). Tornou-se um ponto de encontro para tribos anti-Barzani, socialistas urbanos e antigos oponentes do KDP, e conseguiu reunir esses grupos sob seu teto nesse processo (ROMANO, 2010, p. 264). Dentro dessa dinâmica de separação, os nacionalistas curdos, cuja capacidade de resistência havia diminuído, tiveram que resistir à violência aberta do estado central sem o poder de uma organização unida. Nessas condições, nos conflitos de 1974-1975, locais foram destruídos com bombas de fósforo, embargos foram impostos à geografia curda e tentativas foram feitas para quebrar a resistência curda destruindo áreas agrícolas (BENGIO, 2012). De 1974 até o fim da Guerra Iraque-Irã em 1988, a geografia curda experimentou uma guerra ininterrupta. Milhares de aldeias foram evacuadas à força. Após 1974, 600 mil pessoas foram forçadas a migrar (STANSFIELD, 2003, p. 40).

Após 1975, uma estratégia central foi expandida para assimilar e enfraquecer o movimento nacional curdo, cortando laços com líderes tradicionais, por um lado, e desencadeando conflitos internos dentro de grupos políticos, por outro (BENGIO, 2012, p. 155). Ao mesmo tempo, conflitos já existiram sem intervenção estatal entre organizações continuaram a existir. Em 1975, as forças de Barzani atacaram tropas governamentais e instalações petrolíferas perto de Kirkuk para reconquistar o apoio do Irã e pediram ajuda a outras organizações curdas, mas nenhum apoio veio do grupo Komala, dos Talabani e de outros curdos socialistas (STANSFIELD, 2003, p. 84; STROHMEIER e YALÇIN-HECKMAN, 2014, p. 94). O mesmo padrão continuou posteriormente. Assim, a partir da década de 1960, o movimento nacional curdo de massas perdeu força diante das práticas e estratégias do governo central iraquiano. Após 1975, o movimento curdo entrou em declínio parcial e teve que

retornar a uma estratégia de luta militar baseada em táticas de ataque e fuga (ROMANO, 2010).

Como resultado desse contexto histórico, o KDP atuou em conjunto com o partido xiita Al-Da'wa dentro das fronteiras do Iraque, devido à sua aliança com o Irã ao longo da década de 1980. O PUK, por outro lado, buscou alianças na Síria, Iraque e Irã (BENGIO, 2012, p. 172). Assim, no novo período, o movimento nacional curdo entrou em um processo no qual todas as práticas políticas anteriores foram reavaliadas. Tanto o KDP quanto o PUK adotaram um modelo de fachada e evoluíram para a expansão da base social do partido (O'BALLANCE, 1996, p. 125).

Os problemas enfrentados pelo movimento nacional curdo entre 1960 e 1980 levaram essas duas frentes políticas distintas a buscar a unidade para atuar em conjunto (MCDOWALL, 2004). Essa união forçada entre o PUK e o KDP desenvolveu-se como uma reação à violência estatal, que se intensificou a partir da década de 1970 e gradualmente atingiu seu ápice. Formação de movimento nacional curdo no Iraque foi o resultado da transformação do movimento nacional, que se tornara massivo desde a década de 1960 contra a violência estatal, em uma necessidade de proteger a existência coletiva e defender a resistência social.

## **Conclusão**

As reações curdas ao estabelecimento do Estado no Iraque, que consistiam em revoltas tribais locais contra o Estado central até a década de 1940, evoluíram para um nível mais organizado e supra tribal somente após a década de 1940. O período de 1960 a 1980, que é o foco do presente estudo, foi o período em que o movimento nacional curdo se tornou massivo. Após 1940, os curdos urbanos e educados viram a organização tribal da grande população curda como uma realidade e organizaram a estrutura de sua ação política. Os curdos, que foram submetidos a muitas práticas, desde as práticas assimilacionistas do estado central até o uso de meios abertos de violência, construíram sua forma social e política como um movimento nacional em uma luta de massas pela existência e extinção.

Durante esse processo, a interação entre curdos urbanos e tribais, embora tenha implementado uma estratégia de posicionamento, aproveitando a distinção entre panarabismo e nacionalismo iraquiano na política iraquiana de tempos em tempos, só conseguiu manter sua unidade diante da necessidade de resistir juntos à violência estatal aberta, diante de suas próprias contradições internas e diferentes reivindicações de liderança. O mesmo processo ocorreu entre 1960 e 1980, e a diferença estrutural entre as buscas de liderança baseadas em bases tribais e as buscas de liderança com agendas urbanas e educacionais se manifestou.

O movimento nacional curdo, expressão da resistência demonstrada pelos curdos contra o estabelecimento de um estado-nação baseado na nação árabe dentro das fronteiras do Iraque, foi uma sirene social e uma articulação política do problema de identidade que emergiu no contexto da questão curda, que foi um problema regional dentro das fronteiras do Iraque entre 1960 e 1980, até a Guerra Iraque-Irã (1980-1988). A formação da questão curda, que gradualmente se tornaria um problema internacional que transcendeu as fronteiras do Iraque a partir da década de 1980, como um movimento social de massa entre 1960 e 1980, foi essencialmente incorporada como uma combinação de reações às práticas de construção e reprodução do estado-nação árabe iraquiano, especialmente a assimilação e a violência estatal.

## Referências

AEGLETON, Willian, Mahabad Kürt Cumhuriyeti, Çev. Mehmet Emin Bozarslan, 1. Baskı, İstanbul: Koral Yayınları, 1976.

AZIZ, Mahir, Irak Kürtleri, Irak Kürdistanı'nda Milliyetçilik ve Ulusal Kimlik, Çev. Zülal Kılıç, 1. Baskı, İstanbul: Kitap Yayınevi, 2003.

BENGIO, Ofra, Saddam's Word: Political Discourse in Iraq, New York: Oxford University Press, 1998.

BENGIO, Ofra, The Kurds of Iraq: Building a State Within a State, London: Lynne Rienner Publisher, 2012.

BRUINESSEN, Martin Van, Kurdish Nationalism and Competing Ethnic Loyalties, Peoples Méditerranéens, No:68-69, 11-37, 1994.

[https://dspace.library.uu.nl/bitstream/handle/1874/20671/bruinessen\\_94\\_kurdish\\_nationalism\\_and\\_competing.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://dspace.library.uu.nl/bitstream/handle/1874/20671/bruinessen_94_kurdish_nationalism_and_competing.pdf?sequence=1&isAllowed=y)

BRUINESSEN, Martin Van, Ağa Şeyh ve Devlet, İstanbul: İletişim Yayınları, 2013.

DAVIS, Edgar, Memories of State: Politics, History and Collective Identity in Modern Iraq, California: University of California Press, 2005.

DAWIŞA, Adid, Arap Milliyetçiliği: Zaferden Umutsuzluğa, Çev. Lütfi Yalçın, 1. Baskı, İstanbul: Literatür Yayıncılık, 2004.

DAWIŞA, Adid, Iraq: A Political History from Independence to Occupation, New Jersey: Princeton University Press, 2009.

EL MUNADİL, Irak Kürt Hareketi ve Irak Komünist Partisi, İstanbul: Köz Yayınları, 1976.

ENTESSAR, Nader, Kurdish Politics in The Middle East, Maryland: Lexington Books, 2010.

FATTAH, Hala ve CASO, Frank, A Brief History of Iraq, New York: Facts on File, Checkmark Books, 2009.

GHAREEB, Edmund, Historical Dictionary of Iraq, Maryland: The Scarecrow Press, 2004.

HAMAD, Hussein, Irak'ta Anayasanın Yapısı ve Kabul Usulü, (Basılmamış Yüksek Lisans Tezi), Ankara: Gazi Üniversitesi, 2010.

HASSANPOUR, Amir, Kürdistan'da Milliyetçilik ve Din: 1918-1985, Çev. İbrahim Bingöl ve Cemil Gündoğan, 1. Baskı, İstanbul: Avesta Yayınları, 2005.

HOURANI, Albert, Arap Halkları Tarihi, Çev. Yavuz Alogan, 13. Baskı, İstanbul: İletişim Yayınları, 2013.

HUNT, Courtney, The History Of Iraq, London: Greenwood Press, 2005.

KHADDURI, Majid, Socialist Iraq: A Study in Iraqi Politics Since 1968, Washington: The Middle East Institute Press, 1978.

KHALIDI, Rashid, The Impact of the Iraqi Revolution on the Arab World. In: Robert Fernea and Roger Louis (der), The Iraqi Revolution 1958: The Old Clashes Revisted, London: I. B. Tauris, 1991.

KUTSCHERA, Chris, Kürt Ulusal Hareketi, Çev. Fikret Başkaya, 2. Baskı, İstanbul: Avesta Yayınları, 2013.

MARR, Phebe, The Modern History of Iraq, Colorado: Westview Press, 2012.

- MCDOWALL, David, *Modern Kürt Tarihi*, Çev. Neşenur Domaniç, 1. Baskı, Ankara: Doruk Yayınları, 2004.
- MCDOWALL, David, *The Kurdish Question: A Historical Review*. Philip G. Kreyenbroek ve Stefan Sperl (der) In: *The Kurds: A Contemporary Overview*, New York: Routledge, 2000.
- NATALI, Denise, *The Kurdish Quasi State*, New York: Syracuse University Press, 2010.
- O'BALLANCE, Edgar, *The Kurdish Struggle 1920-94*, New York: Palgrave Macmillan, 1996.
- O'SHEA, Maria, *Trapped Between the Map and Reality, Geography and Perceptions of Kurdistan*, New York: Routledge, 2004.
- O'SHEA, Maria *Typing Down the Territory: Conceptions and Misconceptions of Early Kurdish History*, In: Falef A. Jabar ve Hosham Dawod (der), *The Kurds: Nationalism and Politics*, London: Saqi Press, 2006.
- QASIMLO, Abdurrahman, *Kürtler ve Kürdistan*, Çev. İbrahim Bingöl, 1. Baskı, İstanbul: Avesta Yayınları, 2009.
- ROMANO, David, *Kürt Dirilişi, Olanak, Mobilizasyon ve Kimlik*, Çev. Mustafa Topal ve Erdoğan Gedik, 1. Baskı, İstanbul: Vate Yayınları, 2010.
- SALUCCI, Ilario, *Irak'ta Solun Tarihi*, Çev. Osman Akınhay, Ankara: Agora Kitaplığı, 2005.
- SLUGLETT, Peter, *Britain in Iraq 1914-1932*, London: I.B. Tauris, 2007.
- STANSFIELD, Gareth, *Iraçli Kürdistan, Political Development and Emergent Democracy*, London: Routledge Curzon Publication, 2003.
- STROHMEIER, Martin ve YALÇIN-HECKMAN, Lale, *Kürtler: Tarih, Siyaset, Kültür*, Çev. Atilla Dirim, 1. Basım, İstanbul: Tarih Vakfı Yurt Yayınları, 2014.
- VALI, Abbas, *Kürt Tarihi, Kimliği ve Siyaseti: Kuramsal Bir Yaklaşım*, 1. Baskı, Çev. İbrahim Bingöl, İstanbul: Avesta Yayınları, 2013.

---

***Dogus Beyaztas***

Possui mestrado em Ciencia Politica pela Ankara Universitesi (2016). Tem experiência na área de Ciência Política.

**Lattes:**

<http://lattes.cnpq.br/6651863186346948>